



ISSN 2177-2940
(Online)
ISSN 1415-9945
(Impresso)

Cinderela do sertão: apropriações da imagem da Miss Brasil na imprensa de Uberaba (MG) em 1950

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i1.43458>

André Azevedo da Fonseca

Universidade Estadual de Londrina, UEL, Brasil. E-mail: azevedodafonseca@gmail.com

Palavras-chave: História da imprensa. História cultural. História das mentalidades. Imaginários sociais. Gênero e mídia.	Cinderela do sertão: apropriações da imagem da Miss Brasil na imprensa de Uberaba (MG) em 1950 Resumo: A partir de uma investigação no campo da história cultural, o artigo analisa as representações construídas na imprensa local em torno da visita da Miss Brasil, Jussara Marquez, a Uberaba, cidade do interior mineiro, em 1950. Os métodos empregados foram a análise documental em fontes impressas e a narrativa histórica. Constatamos que a devoção dedicada pelos jornais à figura de Jussara estava ligada à necessidade de as elites locais obterem distinção social a partir da apropriação de sua imagem. Contudo, o papel que esperavam dela era de uma cinderela, e não de uma cidadã. Quando a Miss Brasil se desviou da função social que lhe havia sido designada, essas mesmas elites trataram de hostilizá-la e reconduzi-la ao papel que lhe cabia naquela ordem social.
Key words: Media history. Cultural history. History of mentality. Social imaginary. Gender and media.	Cinderella's hinterland: appropriation of the image of Miss Brazil in the provincial press in 1950 Abstract: From an investigation in the field of cultural history, the article analyzes constructed representations of Miss Brazil's visit, Jussara Marquez, to a city located in the country side of Minas Gerais (Brasil) in 1950. The methods used were documental analysis on printed sources and historical narrative. We noticed that newspapers' devotion dedicated to Jussara's figure was linked to local elites' need to obtain social distinction from the appropriation of her image. However, the role expected from her was to act like a Cinderella, and not a female citizen. When Miss Brazil deviated from the social function that had been designated for her, these same elites harassed her and brought this woman back to the role which suits her in that social order.
Palabras clave: Historia de la prensa. Historia cultural. Historia de las mentalidades. Imaginarios sociales. Género y medios.	Cinderella del sertão: apropiaciones de la imagen de Miss Brasil en la prensa interior en 1950 Resumen: A partir de una investigación en el campo de la historia cultural, el artículo analiza las representaciones construidas en la prensa local en torno a la visita de Miss Brasil, Jussara Márquez, a una ciudad del interior minero, en 1950. Los métodos empleados fueron el análisis documental en fuentes primarias y la narrativa histórica. Constatamos que la devoción dedicada por los diarios a la figura de Jussara estaba ligada a la necesidad de que las élites locales obtengan distinción social a partir de la apropiación de su imagen. Sin embargo, el papel que esperaban de ella era de una cenicienta, y no de una ciudadana. Cuando la Miss Brasil se desvió de la función social que le había sido designada, esas mismas élites trataron de hostilizarla y reconducirla al papel que le correspondía en ese orden social.

Artigo recebido em: 28/05/2018. Aprovado em: 08/10/2018.

Introdução

Em 1950, no município de Uberaba, no interior de Minas Gerais, uma série de eventos estimulou o imaginário local e revelou aspectos importantes da cultura política daquela sociedade. Tudo começou quando um jornal de Uberaba, município da região do Triângulo Mineiro, anunciou que a miss Brasil Jussara Marquez, uma das grandes celebridades da época, faria uma breve escala no aeroporto da cidade, devido a uma troca de aeronave necessária à sua viagem de retorno à Goiânia. Esse caso despertou uma verdadeira comoção social e tornou-se um pretexto para que as elites locais pudessem manipular alguns símbolos de prestígio no intuito de reforçar a representação social que faziam de si mesmas. Além disso, revelou também as lutas simbólicas que eram travadas para coagir a mulher a cumprir o papel que a sociedade esperava dela nos anos 1950. Essas representações, ocultas sob os relatos deslumbrados das colunas sociais, podem ser bem observadas a partir da perspectiva da história cultural.

O estudo das representações, demonstra Chartier (1985), se interessa pela análise da imaginação social que as comunidades formulam para impor, através de disputas simbólicas, determinada interpretação a sua própria realidade objetiva. “São esses esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e

o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1985, p. 17). O objetivo dessa manipulação de símbolos, portanto, é produzir e naturalizar práticas cotidianas que conferem autoridade, legitimam determinados projetos e justificam práticas sociais. “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1985, p. 17).

O método da História Cultural, explica Darnton (1986), tem como ponto de partida a noção de que as expressões individuais ocorrem dentro de um idioma geral. Em outras palavras, os sujeitos históricos aprendem a classificar suas impressões sobre o mundo a partir de uma linguagem e de uma estrutura que é fornecida pela própria cultura. O pesquisador da História Cultural deve, portanto, “descobrir a dimensão social do pensamento” (DARNTON, 1986, p. xvii). Assim, a análise de um evento em particular, inserido no contexto de uma imaginação social, contribui para identificar em que medida os símbolos e as representações condicionam comportamentos, com vistas a impor uma determinada ordem social, para que cada personagem seja levado a ocupar o seu lugar naquela estrutura.

Em princípio, a história cultural da política se dedica à investigação dos mesmos objetos da história política tradicional. Contudo, a perspectiva cultural busca analisar

os discursos de poder como “fenômenos comunicativamente construídos e simbolicamente representados”. (MERGEL, 2003). Nesse contexto, o termo “cultura política” pode ser definido como um sistema mais ou menos coerente de códigos, valores e referências que condicionam a representação que uma sociedade faz de si mesma, do seu passado e do seu futuro. (BERSTEIN, 1998). Essa visão de mundo se constitui por meio de uma leitura comum do passado e se expressa sobretudo através de slogans, estereótipos, palavras-chave, ritos e símbolos expressos pelas pessoas comuns.

O domínio do imaginário, demonstra Baczko (1985, p. 303), é uma esfera indispensável no exercício da política. Bens simbólicos são elaborados em qualquer sociedade e nada têm de irrelevante. Ainda que sejam imateriais, existem em quantidade limitada – e alguns deles chegam a ser particularmente raros e preciosos: evidência disso é que frequentemente tornam-se objetos de lutas entre antagonistas empenhados em atribuir as virtudes dos símbolos às suas próprias figuras. Naturalmente, as mídias em geral e a imprensa em particular, considerando-se o contexto de uma cidade do interior brasileiro na década de 1950, se tornam o palco por excelência para essas encenações.

Com os cruzamentos advindos do campo da teoria, se construiu a narrativa histórica para expor os resultados da pesquisa e formular as nossas hipóteses explicativas.

“A história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso”, demonstra Veyne (1992, p. 11). Naturalmente, fatos não têm dimensões absolutas. Por isso, o historiador tem o papel de organizar a trama de sua narrativa para extrair o sentido da história. Se a historiografia tradicional do século XX se concentrou na formulação de explicações totalizantes sobre os fenômenos históricos, Hobsbawm (1998) e Burke (1992) foram os historiadores mais influentes a apontar o ressurgimento da história narrativa diante o que chamam de esgotamento da história analítica e generalizante no final do século XX. Hobsbawm (1998) observa que essa tendência está relacionada à própria ampliação do campo de pesquisa da História que, a partir da segunda metade do século XX, marcada pela influência crescente da história social, passou a abordar questões mais complexas e ampliou o escopo de seus questionamentos, interessando-se também, por exemplo, pelas experiências históricas das pessoas comuns. Burke (1992), por sua vez, propõe a integração da narrativa à análise, de modo a produzir uma história capaz de relacionar acontecimentos locais às mudanças estruturais na sociedade, de modo que, ao focalizar acontecimentos particulares, o historiador busque revelar as estruturas culturais onde os eventos ocorrem. Por tudo isso, a “micro-narrativa” ou “micro-história” podem ser compreendidas, portanto, como um drama social, no sentido em que os antropólogos utilizam o termo: um acontecimento localizado capaz de revelar

conflitos latentes e esclarecer as estruturas sociais.

Para Darnton (1986), ao estudar a maneira como as pessoas comuns entendiam o mundo, ao tentar descobrir suas cosmologias, ao mostrar como elas organizavam a realidade em suas mentes e a expressavam em seus comportamentos, a história cultural passou a ser nitidamente influenciada pela perspectiva etnográfica – ainda que continue a trabalhar com documentos. Contudo, no processo de crítica documental, para entender a maneira de pensar dos atores sociais do passado é necessário exercitar a ideia de “captar a diferença”. Em termos metodológicos, isso significa que, quando o historiador não consegue compreender o sentido de um provérbio, de uma piada, de uma cerimônia ou uma de uma exaltação particularmente significativa em um determinado tempo histórico, é aí que deve investir. É justamente analisando o documento onde ele parece mais estranho que talvez se consiga descobrir um sistema de significados original. Nossa incapacidade de entender uma lógica própria da comunidade estudada é um indício da distância que nos separa de seu tempo. Dessa forma, a própria percepção dessa distância pode servir como ponto de partida para uma investigação interessante.

A presente pesquisa foi realizada a partir de fontes impressas, constituídas de um conjunto de reportagens, entrevistas e notícias selecionadas nas coleções dos periódicos “*Lavoura e Comércio*”, “*O Triângulo*” e

“*Graça e Beleza*” – todos da cidade de Uberaba, localizada na região do Triângulo Mineiro, no período entre 1950 e 1951. A história da imprensa demonstra que a diversidade dos jornais brasileiros, mais do que apenas registrar os fragmentos da história de seu tempo, se constituem como parte intrínseca dessa mesma história. “Em outras palavras: a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se autoexplicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel” (MARTINS; DE LUCA, 2010). Deste modo, efetuamos a crítica documental das fontes de imprensa conscientes de que, como demonstra Le Goff (1996), o documento histórico deve ser interpretado não como um testemunho objetivo de seu tempo, mas como um produto da sociedade que o forjou, e que reflete, portanto, as relações de força dos grupos que, naquele momento, detinham o poder. A crítica histórica considerou que as notícias de jornais devem ser analisadas a partir da investigação das manipulações, voluntárias ou não, e das intenções subjacentes nos mais diversos elementos da notícia – dos exageros às omissões. Tudo isso para que, dispostos em uma trama organizada, os significados aparentes sejam desvelados para que a narrativa histórica tenha condições de oferecer uma hipótese explicativa coerente a respeito do conjunto de fatos registrados pelos documentos. Esse empenho possibilitou a construção de uma narrativa histórica e de uma hipótese explicativa, cujo resultado veremos a seguir.

Uma Miss no interior

Em uma visita a Goiânia, cumprindo o itinerário de uma viagem que empreendia desde o começo de 1950, o jornalista Souza Junior, diretor do jornal “*O Triângulo*”, da cidade de Uberaba (MG), interior de Minas Gerais, derramou-se em elogios em seu relato de viagem. “Goiânia é uma cidade de muito sol, muito calor e muito ar puro. Milhares de bicicletas circulam por toda a parte, muitas pedaladas por moças robustas e belas, de tipos variados, sempre vitaminosas e de sangue superoxigenado.” (VISITANDO..., 1950, p. 1). Mas assim como não era concebível ir a Roma sem ver o Papa, argumentava o jornalista, não se admitia ir à Goiânia e não visitar Jussara de Sousa Márquez, a encantadora morena que arrebatara o título de Miss Brasil 1949.

Nascida em junho de 1930 na cidade goiana de Itumbiara, a mocinha de 19 anos estudara em colégio de freiras, fizera magistério e levava uma vida tradicional, conforme os padrões da época. Para o jornalista mineiro, Jussara Márquez era uma predestinada ao sucesso. Prova disso estava na previsão que um certo jornalista goiano, dedicado ao estudo de astrologia, um dia disse a ela: “Um esplendor sem limites coroará o seu destino, multidões para a aplaudirem e flores para você pisar em largas avenidas. Sua personalidade tem um grande poder magnético e o seu ascendente astronômico está assistido

por uma verdadeira constelação” (VISITANDO..., 1950, p. 1).

Pois bem, como estava em Goiânia, Souza Junior se dirigiu à casa da Miss e, petiscando um doce de figos oferecido pela anfitriã, submeteu-a a uma “chuva de perguntas”. Ela contou, entre outras coisas, que havia sido convidada para ser estrela de cinema, mas recusara: sua meta era estudar, casar-se e levar uma vida comum, de acordo com os lugares reservados para as mulheres naquela estrutura. Jussara disse também que seu próximo passo, no curto prazo, era conquistar o título de Miss Universo. “Desejo isso não por vaidade ou por interesse pessoal, mas unicamente no intuito de servir ao país.”

Mas uma novidade estava por ser anunciada. Uma semana depois, a cidade de Uberaba amanheceu sob a repercussão de uma manchete espetacular: Uberaba vai conhecer a ‘Miss Brasil’. Ora, se em janeiro daquele ano a moça já havia visitado a sociedade belo-horizontina (MISS BRASIL EM IPAMERI..., 1950, p. 1) ela não poderia deixar de visitar também a autoproclamada metrópole do Triângulo Mineiro. A visita agendada para um longínquo 8 de abril fora um convite do próprio dono do jornal e do governador de Goiás. Mas a notícia verdadeiramente sensacional que, nas palavras de Souza Junior, iria repercutir profundamente na cidade, era que Jussara aceitara o convite que lhe fizera o prefeito de Uberaba. A “graciosa filha de Itumbiara” viria participar das tradicionais festas de Páscoa e seria apresentada à

sociedade uberabense que a receberia com “justas e calorosas homenagens que a interessante garota faz jus” (UBERABA VAI..., 1950, p. 1).

Louvores pela civilização

Desde os tempos de D. Pedro II, a simbologia oficial que buscava instituir e celebrar novos padrões de civilidade contou amplamente com a imprensa para disseminar os valores da sociedade de corte. O chamado “jornalismo áulico”, que conjugava imprensa e literatura – ao lado do jornalismo de combate partidário, que procurava, acima de tudo, desmoralizar os adversários – influenciou gerações de literatos, publicistas e, mais tarde, jornalistas que atuavam na construção da mística republicana e seus ares de modernidade (MARTINS In: MARTINS; DE LUCA, 2010). Naturalmente herdeira desta tradição, a imprensa da cidade de Uberaba de meados do século XX empregava parte significativa de seu espaço para que as elites regionais pudessem encenar as suas fantasias de requinte e sofisticação. Em uma espécie de belle époque tardia, aquela sociedade buscava combinar, de forma desajeitada e contraditória, a nostalgia do império e o ideal republicano de modernidade. Em um município onde a maior parte da população era pobre, analfabeta e morava no meio rural, aquele grupo social precisava atuar permanentemente para fabular o imaginário de uma sociedade elegante, civilizada e

metropolitana. Nesse contexto, o jornalismo local se configurou, acima de tudo, como uma infundável coluna social que servia de palco privilegiado para a atuação daquelas elites à procura de consideração, estima e, acima de tudo, legitimação (FONSECA, 2012).

Como explica Bourdieu (2004, p. 108), uma classe social não se define apenas pela sua posição na estrutura social, mas igualmente pelo fato de que seus membros “se envolvem deliberada ou objetivamente em relações simbólicas com os indivíduos de outras classes”. Empregando “marcas de distinção” (BOURDIEU, 2007) os agentes definem, para si e para os outros, o papel que cabe a cada um na “ordem cultural” da sociedade. Esse papel se realiza nos modos de apresentação social e nos “privilégios honoríficos” que se traduzem no uso de determinadas roupas, no ato de frequentar determinados lugares, no lazer ostentatório e nas regras que normatizam as trocas sociais. Ou seja, os grupos de status se distinguem de acordo com a “arte de bem consumir” e pelo “estilo de vida” que simboliza a posição diferencial dos agentes na estrutura social. Por tudo isso, a possibilidade de associar-se à imagem de uma das maiores celebridades brasileiras da época parecia uma oportunidade preciosa para alavancar o capital simbólico daqueles atores sociais. E foi assim que se iniciou em Uberaba um verdadeiro culto à Jussara.

Geraldo de Araújo Vale, o jornalista goiano que acompanharia a Miss, publicou na imprensa local um texto bastante original,

intitulado “Invocação a Jussara”, para louvar os encantos sagrados da diva goiana. O artigo começava assim:

O culto ao belo é tão antigo como o mundo e surgiu, certamente, quando o homem primitivo começou a perceber a formosura de sua companheira, os perfumes das ervas e das flores, a beleza dos panoramas, o azul do céu e a vigília eterna das estrelas. É uma essencial e verdadeira religião do homem, porque a emoção estética leva o espírito em místico êxtase, induzindo o homem a pensar e sentir em uníssono com Deus que quando criou o mundo achou tudo bom conforme está escrito nas páginas do GENESIS. (VALE, 1950, p. 1).

Em uma sutil alusão ao arianismo, ainda em voga naquele período, o articulista argumentou que somente são grandes e fortes os povos que têm “mulheres belas, grandes músicos e grandes poetas”, pois essas espécies humanas eram produto de energias biológicas acumuladas através de muitas gerações. Por tudo isso, Jussara merecia toda a admiração e reconhecimento dos goianos – principalmente porque somente ela havia conseguido realizar “o milagre de fazer o nome de Goiás aparecer com intensidade na alta imprensa nacional”. Melhor que os diamantes do Vale de Tocantins, melhor que o trigo e o cristal da Chapada dos Veadeiros, vinha Jussara, testemunho da capacidade enorme dessa raça em produzir suas sínteses de perfeição e beleza:

Prova real da potencialidade biológica de um povo, flor silvestre do Hinterland, aparição verdadeira de um sonho de Alencar, conto de fadas feito realidade,

Cinderela¹ do meu sertão, JUSSARA, coube a você o destino de ir dizer lá fora, como embaixatriz do seu povo, que não é lenda, pois existe mesmo o incrível Eldorado, a Pindorama de que muitos se ufanam e se hão de ufanar, o país maravilhoso onde a Cruz de Cristo chegou primeiro e subiu para o alto das montanhas, país de verdes planaltos e de rios enormes, país de chão cheio de ouro e de rochas de cristal, país de esmeraldas e diamantes, país de muito leite e muito mel, de guerreiros brancos e morenas nativas, de pássaros musicais e madrugadas sinfônicas, país de muito sol e muito amor. (VALE, 1950, p. 1).

Aclamando, por fim, a importância da missão de Jussara – a conquista do título de Miss Universo – o jornalista lança uma bênção: “Vá conquistar o título supremo e volte depois. [...] E que o seu príncipe encantado seja um de nós, cá do sertão” (VALE, 1950, p. 1).

Essa proximidade de Uberaba e Goiânia em “*O Triângulo*” não era apenas emocional, mas econômica e sobretudo política. Em primeiro lugar, o jornal uberabense contava com a coluna *Billhetes de Goiânia*, escrito por aquele mesmo Geraldo Vale, com notícias de interesse da capital. Anúncios de vendas de lotes naquela cidade eram publicados de forma regular. O jornal passou circular periodicamente em Goiânia e, segundo o próprio Souza Junior, com boa aceitação. A edição em que foi publicado o artigo “*Invocação a Jussara*” esgotou nas bancas daquela cidade (VALE, 1950, p. 1). As referências a Goiás chegaram a competir, de

¹ “Cinderela” estava no auge naquele ano. No dia 8 de maio, “O Triângulo” noticiaria com entusiasmo o lançamento do “novo desenho de Walt Disney”, baseado na velha história infantil da Gata Borralheira, que estava despertando elogios de toda a crítica nos EUA.

igual para igual, com as notícias locais. Em maio, por exemplo, o jornal publicaria, com manchete de capa, uma longa entrevista com Coimbra Bueno, o governador daquele estado, que prometia “uma nova era de progresso para o Estado Mediterrâneo” (ABRAMOS..., 1950, p. 1). Como veremos, Bueno trabalhava para alimentar a celebridade de Jussara e, com isso, capitalizá-la simbolicamente para fazer propaganda de seu estado e de seu governo.

A espera

Mas o culto a Jussara entre os uberabenses parecia intensificar-se à medida em que se aproximava a visita. No dia 16 de fevereiro foi noticiado que um suntuoso banquete seria oferecido à Jussara no Rio Grande do Sul, onde a Miss Brasil fora coroar a Rainha da Uva e presidir os demais festejos (BANQUETE..., 1950, p. 1). Depois de um longo mês de março repleto de expectativa, eis que chega abril, o mês de Jussara em Uberaba. A festa de recepção foi marcada, como combinado, para o dia 8. Autoridades, políticos e a alta sociedade cancelaram seus compromissos para aguardar a moça. Mas a primeira frustração foi noticiada já no dia 4 de abril: “Adiada a recepção de Jussara em Uberaba”. A nota explicava que, terminada a Festa da Uva, Jussara havia sido convidada por todos os municípios do Rio Grande, que lhes davam “festivas recepções”, e por isso ainda não havia regressado. Assim, a o jornal esclarecia que a festa em Uberaba seria

atrasada “em oito ou dez dias”. (ADIADA A RECEPÇÃO..., 1950, p. 1).

No dia 15 de abril Jussara ressurgiu na capa de “*O Triângulo*”, com pernas à mostra, trajando um maiô comportado e fazendo pose em frente a um muro de tijolinhos. A matéria revelava que ela estava prestes a voltar à sua cidade, mas ainda continuava nos pampas, cumprindo a missão de fazer propaganda não só de Goiás, mas de todo sertão brasileiro. Um jornalista gaúcho que observara “todos os passos” da Miss Brasil no Rio Grande do Sul dissera que a moça nunca se esquecia, nos improvisos de agradecimento, de mencionar o nome de Goiás como sendo “um grande Estado, na sua extensão territorial, no seu atual progresso material e espiritual, bem como na sua gigantesca riqueza natural”. Assim, vinha inspirando entre os gaúchos um “grande interesse por esse maravilhoso Brasil mediterrâneo, até agora quase desconhecido das populações do Sul”. Os gaúchos não faziam por menos, garantia o jornalista. “Quanto a nós, temos homenageado a mensageira de Goiás e sua digna família como podemos. São hóspedes oficiais de todas as prefeituras e todos os municípios exigem sua presença.” Segundo o relato, diversos clubes elegeram Jussara sócia de honra. Nas Câmaras de vereadores se pronunciavam entusiasmados discursos de saudação em que se exaltavam as qualidades da mulher goiana (JUSSARA FAZ..., 1950, p. 1). Nas lutas de representações (CHARTIER, 1985), todos queriam garantir a sua associação simbólica com essa

unanimidade nacional.

A coluna finalizava que provavelmente “em Abril ou primeiros de Maio” Jussara viria à Uberaba e permaneceria “alguns dias”; mas antes de vir à cidade, esclarecia a nota, ela viajaria a Paris – um dos prêmios que recebera por ter vencido o concurso de Miss Brasil. Jussara ganhara passagem e hospedagem por 15 dias com direito a um acompanhante. Evidentemente, o escolhido para viajar com ela foi seu querido pai, o Sr. Ormides.

Em Goiânia, o Movimento Renovador da Mocidade (MRM) – uma organização de jovens conservadores sob a tutela do político goiano Altamiro de Moura Pacheco – preparava uma “festiva recepção” a Miss Brasil, em um evento sem “nenhum caráter político”, garantia uma nota publicada em 18 de abril (RECEPÇÃO..., 1950, p. 1). A coluna também confirmou a viagem de Jussara a Uberaba “nos últimos dias de abril ou princípios de maio”, e lembrou que a moça seria considerada “hóspede oficial da Municipalidade”. Segundo o jornal, “sua chegada ali está sendo aguardada com visível e justificada ansiedade”.

Neste ponto, torna-se explícito o interesse político que buscava se apropriar da mitologia da miss Brasil para fins eleitorais. Veremos adiante que a própria Jussara, celebrada como uma verdadeira embaixatriz que levava não só a beleza, mas a graça da palavra interiorana para todo o Brasil, também almejava se tornar uma legítima expressão política de seu tempo. E a princípio isso não

seria, de modo algum, um despropósito. As ideias políticas que realmente circulam no tecido social, explica Winock (2003), não são necessariamente aquelas formuladas por filósofos, sociólogos ou cientistas políticos. Deste modo, precisamente devido ao caráter de representatividade destes atores sociais, o estudo das expressões do homem comum, dos jornalistas e das celebridades contribui para revelar a cultura política de uma sociedade. A análise da expressão cotidiana dos temas políticos, como “os clichês, as ideias prontas, os preconceitos, as crenças coletivas, os mitos, as palavras de ordem, os slogans”, e todo um conjunto de representações ordinárias nos ajuda a compreender melhor a cultura política de um período.

Seja por eventualidade ou por cálculo, mudando repentinamente de agenda, Jussara anuncia a passagem por Uberaba no dia 19 de abril. “*O Triângulo*” deu a notícia na capa: “Miss Brasil em Uberaba. Passará, hoje, pela nossa cidade, a encantadora morena – Viaja em avião da Aerovias, rumo a Goiânia” (MISS BRASIL EM UBERABA, 1950c, p. 1). Jussara Marquez seria calorosamente homenageada no aeroporto, onde estaria à sua espera “grande número dos admiradores”. Todas as damas e senhorinhas da elite social da cidade, ávidas por este capital simbólico, se apuraram excitadas para receber a celebridade. A cidade mal podia esperar.

Infelizmente, uma nova frustração abalou as esperanças. Apesar da vigília no aeroporto, Jussara não apareceu. No dia

seguinte, uma nota publicada na capa do jornal lamentava-se: “Adiada a viagem de Miss Brasil.”

Causou geral pesar ao incalculável número de pessoas que ontem estiveram das 13 às 14,50 horas na estação de desembarque dos aviões que escalam – entre as quais se incluíam distintas damas e senhorinhas da nossa elite social – a não inclusão do nome de Jussara Márquez na lista de passageiros da Aerovias Brasil. A surpresa tocou também, à nossa reportagem, que para ali se dirigia, no intuito de entrevistar, ligeiramente embora, a graciosa morena, com quem iria estabelecer, na oportunidade, a data exata de sua vinda a Uberaba, como convidada do sr. prefeito Boulanger Pucci e da direção de O Triângulo e hóspede oficial da Municipalidade. (ADIADA A VIAGEM..., 1950, p. 1).

A nota explicava que logo após a circulação da edição do dia anterior, que divulgava a “provável” passagem da Miss pelo aeroporto Santos Dumont a bordo do avião da Aerovias Brasil, a direção do jornal recebera um comunicado informando que, “por motivos de força maior”, o regresso de Jussara à Goiânia, via Uberaba, havia sido cancelado. Mas a “linda morena de Goiás” deveria regressar em breve. Não obstante, “*O Triângulo*” garantia que, tão logo estivesse de posse de dados seguros sobre a vinda de Jussara, daria ampla publicidade para que os fãs pudessem, “ainda que por poucos minutos”, travar contato com a “mais linda do Brasil”. Em Goiânia, o Movimento Renovador da Mocidade continuava à postos para recepcioná-la.

No dia seguinte, uma nova esperança: “Jussara Márquez passará amanhã por

Uberaba. Receberá calorosas homenagens no Aeroporto Santos Dumont” (JUSSARA MARQUEZ..., 1950, p. 1) – garantia o jornal.

Segundo o que antecipamos agora confirmado por notícias procedentes de Goiânia, para onde telegrafou, em data de anteontem, a srta. Jussara Márquez, Miss Brasil deverá ali chegar amanhã, viajando pelo primeiro avião de carreira, da Aerovias Brasil. Assim, é certo que a sua passagem pela nossa cidade irá dar-se forçosamente, às 7,50 hs de amanhã, horário oficial de chegada do aparelho daquela empresa comercial. (JUSSARA MARQUEZ..., 1950, p. 1)

Mais uma vez, a cidade se excitou. Damas e “senhorinhas da nossa melhor sociedade” estariam por lá para recebê-la. Até o prefeito mandaria seu representante. Em seu entusiasmo, o jornalista garantiu que, após o contato que faria com ela no aeroporto, ficaria “definitivamente aprovada sua vinda a Uberaba”, provavelmente no próximo dia 28, “ocasião que se torna, pela proximidade de brilhantes festas que veremos aqui realizadas, singularmente propícia à visita da Miss Brasil”. Para a edição de segunda-feira, “*O Triângulo*” prometia em suas páginas as interessantes declarações da encantadora goiana que se fez “a mais linda do Brasil”. Seria um domingo inesquecível na história da cidade. Dezenas de pessoas acordariam cedo, dirigiram-se ao aeroporto e aguardariam ansiosamente a Cinderela do Sertão chegar às 7h50 da manhã. Um dia para ficar na história. Damas e senhorinhas trataram de providenciar um buquê de flores e se aprumariam para o encontro.

Pois bem. No dia seguinte, a manchete

constrangida: “Ainda uma vez adiada a passagem de Miss Brasil por Uberaba”:

Somos impelidos a registrar um novo pequeno adiamento na data da passagem de Jussara Márquez, Miss Brasil, pela nossa cidade [...] Infelizmente para nós – que nos damos pressa em rever a linda morena goiana tornada, em pleito memorável, “a mais linda do Brasil” – somente na segunda-feira a srta. Jussara Márquez será vista no Aeroporto Santos Dumont, onde se fará alvo das mais justas e merecidas homenagens por parte de figuras de representação da sociedade local que ali estarão à sua espera, juntamente com o representante pessoal do prefeito Boulanger Pucci e jornalistas. (AINDA..., 1950, p. 1)

A justificativa do atraso era que a população de cada uma das cidades em que o voo de Jussara fazia escala queria manifestar a admiração e o alto apreço à Miss Brasil. Mas assim que fosse confirmada a passagem da bela de Itumbiara por Uberaba, o jornal divulgaria “imediatamente” a notícia, para que os uberabenses pudessem comparecer ao aeroporto e tomar parte “nas homenagens que se verão prestadas à ilustre itinerante em sua rápida permanência em nosso meio”.

Dois dias depois desse desencanto, uma chamada de capa anunciou com renovado entusiasmo: Hoje, passagem de Miss Brasil por Uberaba.

Notícias telegráficas hoje recebidas de Goiânia, vêm confirmar plenamente o que divulgamos em nossa edição de sábado último, a respeito da possível passagem de Jussara Márquez, Miss Brasil, pela nossa cidade, na tarde de hoje. Segundo aqueles despachos, procedentes da família da linda goiana, Miss Brasil viajará em Avião da Aerovias Brasil aqui esperado às 13h50 hs de hoje. (HOJE..., 1950, p. 1)

A nota afirmava – uma vez mais – que, dada a segurança oferecida pelos telegramas, a passagem de Jussara pelo aeroporto era “considerada certa”. Assim, convocava “as figuras de relevo da nossa elite social”, as “distintas damas e senhorinhas” além da incontável legião de fãs e admiradores da “mais linda do Brasil” para render-lhe especialíssimas homenagens. Esperava-se, sobretudo, que Jussara dissesse, de viva voz, “quando poderá, satisfazendo ao convite do governador de Uberaba e de “O TRIÂNGULO”, travar íntimo contato, na qualidade de nossa hóspede oficial, com o povo uberabense, que tanto anseia por esse gratíssimo ensejo”.

O relato de sua tão aguardada passagem pela cidade foi registrado na capa do jornal: “Passou por Uberaba a Srta. Jussara Marquez, Miss Brasil”

Depois de três ou quatro dias de ansiosa e muito compreensível expectativa, passou, ontem, afinal, pela nossa cidade, a bordo do avião da Aerovias Brasil que aqui escalou às 14,25 hs., a srta. Jussara Márquez, que se fazia acompanhar pelos seus dignos progenitores. sr. Ormides Márquez, exma. sra. d. Sinhá Márquez, e pela sua graciosa irmã, Jurema Márquez. Bem como se esperava, o Aeroporto Santos Dumont acolheu um sem número de pessoas da nossa alta sociedade, entre as quais sobressaíam distintas damas e gentis senhorinhas, que foram levar à Miss Brasil as suas saudações e votos de feliz viagem. (PASSOU..., 1950, p. 1).

A notícia informava que a moça estava “ligeiramente indisposta”, mas que, de qualquer maneira, concordara em receber os

cumprimentos dos uberabenses. Assim, saiu do avião e foi saudada, primeiramente, pelos jornalistas João Luiz de Souza e Rui Mesquita – que representava Souza Junior, de “*O Triângulo*”. Apesar da indisposição, Jussara “palestrou demoradamente” com a reportagem, referindo-se “entusiasticamente” à sua viagem ao Sul, onde fora alvo de contínuas e calorosas homenagens. Falou também de sua viagem ao Uruguai, de cujo povo recebera “expressivas demonstrações de apreço”, e manifestou o desejo de vir a Uberaba o mais breve possível. Sob a insistência do jornalista, que cobrava uma data precisa da visita à cidade, Jussara preferiu “de acordo, aliás, com a opinião de seus progenitores”, mandar de Goiânia a sua decisão. Nos próximos dias a bela Miss se entregaria a um total e absoluto repouso para se recuperar desses quase três meses de “peregrinação” pelos municípios gaúchos. “Tão logo se tenha refeito, proporcionará à sociedade uberabense a oportunidade de conhecer e admirar, em dias, para nós inesquecíveis, de contato com os mineiros de Uberaba, aquela que se sagrou, no magnífico e renhido pleito de Quitandinha, a ‘mais bela do Brasil’.” Jussara ainda recebeu os cumprimentos das distintas damas de nossa elite social, que lhe entregaram um rico buquê de flores naturais e expressaram “o entusiasmo que domina os círculos sociais uberabenses em torno de sua anunciada permanência entre nós”. A “mana Jurema” e os pais entabularam “interessante” conversa com as damas e

senhorinhas da sociedade. Mais alguns minutos de cordialíssima palestra e Jussara embarca de vez para Goiânia. Na fotografia publicada no “*Lavoura e Comércio*”, Jussara posou segurando um grande buquê de rosas. Ela estava levemente curvada, visivelmente indisposta e esforçava-se tremendamente para manter o sorriso (MISS BRASIL EM UBERABA, 1950a, p. 1).

Na análise sobre a ficção social tramada pelas elites para cooptar postulantes prestigiosos através de operações de lisonja e adulação, Starobinski (2001) observou uma dinâmica que ajuda a explicar esse furor celebratório que investigamos. Aquele que almeja ser “bem visto” ou “bem recebido” deve submeter-se a um conjunto de regras implícitas conforme as expectativas do “bom uso” vigente. Essa atuação tem como fim o estabelecimento de uma espécie de pacto de reciprocidade entre o sujeito que almeja ser aceito e o grupo social que, por seu turno, detém o poder de emitir apreciações de valor e, por isso, em uma operação dialética, confirma a sua legitimidade em julgar. É importante notar que os indivíduos não deixam de manter plena consciência desse verdadeiro comércio de prestígio. “O subentendido da ficção, se é partilhado, exclui o risco do logro: todo mundo é cúmplice, ninguém é enganado” (STAROBINSKI, 2001, p. 65). Assim, a vida social se firma como um conjunto de transações em que regras fictícias se autorizam mutuamente para confirmar os privilégios simbólicos dos atores em cena.

Por isso, pouco importa a realidade concreta do breve pouso do avião e da indisposição da Miss Brasil. Nos imaginários criados para atribuir sentidos às narrativas dos fatos e da História, “a mitologia que nasce a partir de determinado acontecimento sobreleva em importância o próprio acontecimento” (BACZKO, 1985, p. 296).

Jussara: uma cidade que surge

A chegada de Jussara em Goiânia no dia 25 de abril foi tumultuada. Ora, um símbolo daquela magnitude não poderia deixar de provocar uma luta pelo privilégio de prestigiá-la. Dois aviões da Aerovias Brasil pousaram em horários diferentes e confundiram os jovens do MRM. Muitas pessoas foram dar as boas-vindas no aeroporto e inúmeras outras foram à sua casa para cumprimentá-la. A família mandara agradecer pela atenciosa acolhida em Uberaba, e garantia: “Logo termine o necessário repouso, a Srta. Jussara pretende ir a Uberaba, possivelmente no próximo mês” (MISS BRASIL: SUA IDA..., 1950, p. 1).

Mas no dia seguinte, a coluna *Bilhetes de Goiânia* noticiava que o médico da Miss Brasil determinara um repouso absoluto “de 40 ou 60 dias”. “A intensidade e persistência das emoções por que tem passado, as contínuas viagens, visitas, solenidades, festas e entrevistas, prolongando-se por meses a fio, já quase a completar um ano, exigem que seu organismo se refaça sob pena de sério

esgotamento” (MISS BRASIL: SEU ESTADO DE SAÚDE, 1950a, p. 1). Diante da insistência do correspondente de “*O Triângulo*” para que ela comparecesse na Exposição Agropecuária no fim de abril, Jussara “apelou novamente para o médico”, pois, ainda que sensibilizada com as atenções dos uberabenses, o clínico dissera que a sensível perda de peso e o estado de esgotamento físico e mental em que se encontrava não lhe permitiam viajar nos próximos “40 ou 50 dias”. Mas garantia que, quando fosse a Uberaba, desejaria ficar alguns dias.

“*O Triângulo*” lamentou que Jussara não tivesse vindo à cidade no dia 29 de abril para manter “íntimo contato com a nossa alta sociedade” e conhecesse de perto essa gente que, com ansiedade, aguardava a visita. “Registramos, com natural e compreensível pesar, a impossibilidade de Jussara vir a emprestar, no momento, maior brilhantismo às festividades várias que aqui se realizarão por motivo da XVI Exposição Feira Agro-Pecuária de Uberaba” (MISS BRASIL EM UBERABA, 1950d, p. 1). Para o consolo dos uberabenses, nem mesmo a viagem a Paris seria realizada naquele semestre, devido ao necessário repouso.

No dia 12 de maio a coluna *Bilhetes de Goiânia* noticiava que o estado de saúde da Miss Brasil vinha obtendo “sensíveis melhoras [...] desaparecendo os sinais de anemia e esgotamento” (MISS BRASIL: SEU ESTADO DE SAÚDE, 1950b, p. 1). Em fins de maio, ela continuava sendo homenageada pelos

“goianenses” – afinal, ao lado da beleza vitoriosa no concurso Miss Brasil 1949, a moça revelara-se “uma intelectual idealista e oradora invulgar, colocando em suas excursões pelo Brasil a fora esses dotes a serviço da propaganda de seu Estado e do mundo sertanejo em geral” (JUSSARA: HOMENAGENS..., 1950, p. 4). Assim, diversas taças esportivas com o título “Miss Brasil” seriam disputadas por centenas de atletas da mocidade “goianiense”. Além disso, um “formidável baile no Jóquei Clube” estava sendo preparado para ela. Depois disso, Jussara atenderia a dois convites de fora, “sendo o primeiro de Uberaba”.

Mas de acordo com as notícias de “*O Triângulo*”, o primeiro convite aceito, na verdade, foi uma visita a Ipameri no dia 3 de junho, data de seu aniversário, quando os ipamerinos preparam-lhe “uma festa magnífica e um bolo de vinte velas” (MISS BRASIL EM IPAMERI..., 1950, p. 4). Jussara fora também homenageada, segundo a nota, pelos militares do Sexto Batalhão de Caçadores. Para o jornalista, com esse ato os ipamerinos demonstraram seu civismo ao homenagear aquela que “tão bem soube elevar o nome de sua terra, quer pela beleza quer pelo exercício de seu talento em propaganda de sua terra” (MISS BRASIL EM IPAMERI..., 1950, p. 4).

Naquele período, a região do Triângulo Mineiro experimentava um período turbulento de sua história, que incluía uma conjunção de desafios impostos pela crise econômica,

devido à bancarrota dos pecuaristas; pela crise social, provocada sobretudo pela precariedade dos serviços públicos básicos; pela crise política, intensificada pela violência entre os partidos adversários; e pela crise identitária, que seria expressa em um movimento separatista que passou a clamar a emancipação daquela região do Estado de Minas Gerais (FONSECA, 2012).

Em períodos de crise, quando uma sociedade se vê ameaçada por inimigos reais ou imaginários, os tempos se tornam particularmente suscetíveis para a fabulação de heróis salvadores. Às vezes essa dinâmica ocorre espontaneamente: a própria sociedade acorda o mito de seus sonhos coletivos e os projeta em personalidades que possuem as qualidades necessárias para encarnar esse espírito. (FONSECA, 2018, p. 161)

Nesse contexto, o culto a Jussara, uma celebridade que, através de sua doçura, pureza e juventude, parecia representar a mitologia da inocência paradisíaca, passou inspirar homenagens cada vez mais surpreendentes. Naquele mesmo ano, por exemplo, os jornais goianos anunciaram a elaboração de um projeto para se construir, nas margens do ribeirão Água Limpa, uma cidade nova que, para o júbilo geral, receberia o nome de “Jussara”. No dia 15 de junho, o próprio “*O Triângulo*” dava a notícia: “Jussara – uma cidade que surge” (JUSSARA..., 1951, p. 2). O periódico uberabense entrevistara Divino de Oliveira, o homem que administrara a colonização dos 4 mil alqueires dos vales do Itapirapuã e Água Limpa e, por isso, era considerado o fundador da vila que seria

batizada em homenagem à Miss. Segundo Oliveira, a ideia do nome “Jussara” viera do próprio governador, Coimbra Bueno – que como se vê, trabalhava conscientemente para capitalizar ao máximo a simbologia da nova celebridade goiana. “Está prosperando Jussara?” – pergunta o repórter. “Vertiginosamente. Já não existe lote vago na zona rural. E, tendo sido como foi, loteada a sede, em plano urbano, é de se crer que em breve haverá ali uma grande vila e, futuramente, um belo município autônomo.”

Aparentemente, a escolha do nome teve apenas um opositor, mas cuja reserva era de outra natureza. Em correspondência que enviara para o Secretário de Estado do Interior, Justiça e Segurança Pública de Goiás, Guimarães Lima, o respeitado professor José de Sá Nunes afirmara que, ao ler a notícia “alvissareira” sobre a nova cidade, sentiu um misto de alegria e tristeza. De alegria, escreveu o professor, “ao ver que nossa pátria vão progredindo a olhos vistos, pois no seu imenso e rico território vão surgindo vilas e cidades, que são outros tantos centros de civilização que a engrandecerão em futuro próximo”; mas de tristeza, ponderou, “por notar que o nome escolhido para a cidade projetada não está bem escrito” (JUÇARA, 1951, p. 4).

Não é possível que os progressistas e cultos Goianos consintam em que um dos florões de glória que dentro em breve lhe engrinaldará a fronte contenha uma gema falsa, como essa que se engasta no belo nome que elegeram: Jussara. “Jussara” com “ss” é erro contumaz da grafia

antiga, hoje definitivamente relegado da escrita de quem sabe o que escreve. (JUÇARA, 1951, p. 4).

Ou seja, o famoso professor afirmava que a forma correta de se escrever o nome desta nova cidade era “Juçara”, com *cê cedilha*, e não Jussara, com dois esses. O Yú-çara dos Tupis, explicava Sá Nunes, que significa “espinho ligador” ou “agulha” – e que pode significar também “coceira” – “não pode e não deve ser grafado com dois esses”.

José de Sá Nunes era uma figura eminente em Goiânia. A pedido do governador Coimbra Bueno, fora ele quem fizera, há pouco tempo, um estudo detalhado sobre a grafia de Goiás. O professor escrevia regularmente, em jornais goianos e paulistas, sobre topônimos de origem tupi que “erradamente” eram grafados com “ss” em vez de “*cê cedilha*”. Foi assim, portanto, que Sá Nunes instalou a polêmica: Juçara, sim, mas “Jussara”, jamais!

Mas para o desalento do velho professor, sua proposta ortográfica não vingou. A vila foi batizada respeitando-se a grafia do nome de batismo da Miss. Por fim, Jussara, com “ss”, tornou-se município em 1958. Atualmente é uma cidade que conta com menos de 20 mil habitantes (IBGE, 2010).

Rumo à política

Jussara Marquez passou algumas semanas sumida dos jornais. Mas era mesmo difícil competir com o sensacionalismo das notícias políticas, tendo em vista a proximidade

das movimentadas eleições de outubro de 1950. Mas no dia 1º de agosto de 1950, na mesma edição que noticiava a aprovação das instruções do TSE referente ao registro de candidatos ao pleito de outubro, uma surpreendente chamada de capa anuncia: “Jussara vai candidatar-se” (JUSSARA VAI..., 1950, p. 1). Aquela moça que seis meses atrás garantia que sua meta era estudar, casar e levar uma vida comum – tudo isso depois de disputar o título de Miss Universo –, e que em princípios de maio estava sob risco de sério esgotamento, agora anunciava que seria candidata ao cargo de vereadora em Goiânia.

Segundo a notícia, houve “satisfação em círculos políticos de diversos partidos com essa notícia”. Alguns chegaram a lamentar que, devido a sua idade – 20 anos recém completados – ela não podia candidatar-se direto à assembleia legislativa, cargo mais à altura de sua capacidade intelectual. O próprio governador Coimbra Bueno enviara um telegrama à Jussara desejando sucesso, afirmando que o povo goiano saberia reconhecer o “formoso talento” e o amor que ela cultivava por sua terra natal. Bueno referia-se à “brilhante propaganda” que a Miss fizera de Goiás em seus discursos pelo Brasil e afirmou que a inteligência da moça muito poderia fazer pela causa pública. Por sua vez, Jussara respondera o telegrama agradecendo o estímulo e a confiança em sua capacidade, e desejou êxito na campanha de Bueno ao senado, pois “o sucesso do eminente amigo será, acima de tudo, um sucesso de Estado de

Goiás”. E é claro, essa troca de elogios foi devidamente publicada no jornal.

Jussara levou a sério a empreitada. “Não por sua beleza, mas, sobretudo, pela sua capacidade intelectual, e pelo interesse que já teve oportunidade de demonstrar pelos problemas públicos, Jussara Márquez será eleita vereadora” (MISS BRASIL: VEREADORA, 1950, p. 5) – garantia o colunista. Ele contou que, desde o princípio, a ideia de sua candidatura partiu dos udenistas goianos. A partir de então, Jussara passou a participar de comícios e apoiar a candidatura Peixoto à prefeitura municipal, fato que, de acordo com a coluna, lhe garantira muitas simpatias no eleitorado proletário. “O programa já lançado pela linda candidata agradou muito. E frisa que não são promessas. Ela apenas disse ao povo o que pensava dos problemas de Goiânia. Seu programa tem sido muito elogiado.” Jussara contava com o apoio dos católicos daquela capital “não só pela discrição (sic) com que soube se guiar no concurso de beleza [...] como também por ser católica praticante”.

Mas com o término das eleições, “O Triângulo” não noticiou a esperada vitória eleitoral de Jussara. O “*Lavoura e Comércio*”, em uma nota lacônica registrou a sua derrota (A MISS..., 1950, p. 1). No dia 31 de outubro, a cobertura dos resultados gerais das eleições em Goiás mencionou sucintamente o número de cadeiras conquistadas pelos partidos e informou que a câmara municipal de Goiânia já estava composta, sendo que a UDN conquistara

4 cargos (O PLEITO..., 1950, p. 2). Como veremos, a brevíssima trajetória eleitoral da Cinderela do Sertão sugere que a devoção à inofensiva Miss não se transformou em consentimento às suas pretensões políticas.

No campo do imaginário social, explica Baczko (1985) as disputas simbólicas entre poderes adversários procuram, por um lado, criar uma imagem superestimada dos partidários através de representações grandiosas; enquanto que, por outro lado, fabulam uma imagem repulsiva a ponto de invalidar a legitimidade do antagonista. Assim, sob as sombras dos louvores públicos à Miss, a candidata seria difamada pelos atores tradicionais ao ponto de ver sua eleição inviabilizada.

Naturalmente, essa hostilidade passou ao largo da cobertura jornalística do interior mineiro. Alheios às lutas de representações do poder municipal na capital goiana e indiferentes em relação às aspirações políticas de Jussara, as elites de Uberaba simplesmente não se interessaram em conspurcar a imagem da Miss na esfera local. Ora, se aquele ícone do imaginário popular fora tão trabalhosamente talhado por eles mesmos, seria contraproducente veicular qualquer demérito para desvalorizá-lo. O objetivo daquelas elites ávidas por marcas de distinção era, acima de tudo, cultuar a imagem da musa sagrada e imantar-se com sua aura. Um bem simbólico de tal natureza era particularmente raro e precioso no contexto de uma sociedade interiorana e relativamente isolada. A

apropriação daquela mitologia, portanto, era uma oportunidade de ouro para reforçar a proeminência daqueles atores sociais. Como explica Baczko (1985, p. 299): “Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência ‘real’, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efetiva pela apropriação dos símbolos e garantir obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio”. Isso explica parte do frenesi das disputas entre grupos que buscam ora controlar, ora monopolizar certas categorias de símbolos. Os variados dispositivos de violência simbólica que visam preservar o lugar privilegiado que as elites interioranas reservavam a si mesmas na imaginação social demonstram, nas palavras de Baczko (1985, p. 299), o “caráter decerto imaginário, mas de modo algum ilusório” dos emblemas de poder.

Enfim, Jussara em Uberaba

Passada as eleições de outubro, os interesses da cidade voltaram-se novamente à Miss Brasil. E no dia 6 de novembro, finalmente foi publicada aquela notícia que encheria de júbilo a elite social local: “Miss Brasil, senhorita Jussara Márquez virá a Uberaba”.

Agora parece que se concretizará mesmo a visita da senhorita Jussara Márquez, que conquistou o título de Miss Brasil, a Uberaba. A nossa formosa compatriota, a mais linda senhorinha existente nesse imenso país sob o signo abençoado do Cruzeiro do Sul [...] aquiesceu em honrara

(sic) a nossa cidade com a sua presença para tomar parte na Noite Oswaldo Cruz, em benefício do Hospital da Criança. (MISS BRASIL, SENHORITA..., 1950, p. 1).

O jornal garantia que, dessa vez, estava autorizado a transmitir aos seus “numerosos leitores” a “alvissareira notícia” de que a bela chegaria a Uberaba na manhã do dia seguinte, em avião da Panair, procedente de Goiânia. “Preparemo-nos, pois, para receber condignamente aquela que já se fez digna da nossa admiração”. Depois de tanto esperar, agora estava tudo confirmado. Damas e senhorinhas novamente e se apuraram com requinte. Representantes da prefeitura, da imprensa e de diversas associações se prepararam para recepcioná-la no aeroporto e mostrar à bela de Itumbiara como era agradável a hospitalidade da gente uberabense.

O vespertino “*Lavoura e Comércio*”, contando com a presença certa da Miss na cidade, chegou a imprimir e distribuir a edição, noticiando precipitadamente que ela já havia chegado e já se encontrava no Grande Hotel (MISS BRASIL JÁ..., 1950, p. 6). Mas no dia seguinte, na capa do jornal “*O Triângulo*”, o título acompanhado da foto de Jussara, uma vez mais, lastimava-se, com o já tradicional constrangimento: “Miss Brasil não chegará hoje a Uberaba” (MISS BRASIL NÃO..., 1950, p. 1). A nota informava que, por “motivos imperiosos, de última hora”, Jussara fora forçada a transferir sua visita a Uberaba para o dia 9, “não podendo assim tomar parte nos festejos da Noite Oswaldo

Cruz”. “*O Lavoura*” nada publicou sobre a “barriga” – jargão jornalístico para se referir à publicação equivocada de uma notícia que não aconteceu (ERBOLATO, 1978, p. 197).

Mas no dia 10 de novembro, a notícia tão sofregamente aguardada foi finalmente estampada na capa: “Uberaba recebe a visita de Miss Brasil”. O jornal era todo entusiasmo. “Jussara Márquez – a mais bela do Brasil – chegou ontem à nossa cidade, contando com festiva e calorosa recepção no Aeroporto local, onde se concentrou todo o nosso ‘grand monde’ para apresentar à encantadora filha de Itumbiara as boas-vindas de Uberaba.” A notícia informava que, dirigindo-se ao Grande Hotel, Jussara entregara-se a um “prolongado repouso” para refazer-se da viagem. Para o júbilo dos uberabenses, ela não deixara de conceder uma breve entrevista, por telefone, ao periódico da cidade:

– Estou maravilhada com a hospitalidade do uberabense [...]. A recepção carinhosa que as damas e as senhorinhas de Uberaba me proporcionaram no Aeroporto é qualquer coisa que não se esquece e que se grava para sempre na lembrança e no coração. E as sucessivas provas de apreço que venho recebendo, desde que aportei a Uberaba, são bem o complemento do conceito que sempre fiz do povo desta boa e encantadora cidade. Tenho certeza de que a minha permanência em Uberaba marcará uma das mais agradáveis passagens nesse conjunto de excursões que tenho realizado desde que honrada pelo título de “Miss Brasil”. (ACEITAÇÃO..., 1950, p. 1).

Segundo o jornal, “centenas de ‘fans’ e caçadores de autógrafos” se reuniram no saguão (JUSSARA PREPARA-SE..., 1950b, p.

3). Havia grande expectativa para que todos pudessem ver de perto a celebridade tão cultuada. De repente, o elevador é acionado: as portas se abrem e Jussara surge sob uma explosão de aplausos. Acompanhada pelo pai, o Sr. Ormides; pela representante da revista uberabense “*Graça e Beleza*”, Iná de Souza; e pelo vitorioso repórter de “*O Triângulo*”, a bela goiana caminhou pelo saguão, toda sorrisos e acenos, para o deslumbre da elite social local.

As primeiras palavras da Miss Brasil nesta entrevista “entrecortada de solicitações de autógrafos e de explosões de entusiasmo e satisfação por parte de seus admiradores – jovens, ‘brotinhos’, damas e senhorinhas da nossa sociedade” foram de “elogio, franco e sincero, para com a nossa cidade”. Segundo o repórter, Jussara mostrara-se “maravilhada” pelo primeiro contato com os uberabenses. “– Que lhe posso dizer mais? Todas as minhas palavras são, e devem ser, de admiração pela sua terra e pela sua gente”, teria dito a Cinderela do Sertão. Demonstrando que já dominava alguns truques para conseguir o que queria da imprensa provinciana, Jussara saiu-se com essa: “Quer uma boa notícia, dessas que vocês costumam classificar de ‘furo’? Então vai – note bem, em ‘primeira mão... para todo o Brasil’: estou preparando a minha viagem à Europa”. Não deu outra. O “furo” virou título da matéria no jornal do dia 11 de novembro de 1950: “Jussara prepara-se para sua viagem à Europa”. (JUSSARA PREPARA-SE..., 1950, p. 3).

O repórter não perdeu a oportunidade de convidar a moça, em nome dos uberabenses: “Passará, naturalmente, por Uberaba, e aqui permanecerá pelo menos um dia, não?”, questionou. “É duvidoso, meu caro. Será motivo de grande prazer para mim, se aqui puder voltar em outra oportunidade, tal a maneira como a sua cidade e o uberabense me cativaram”, respondeu prontamente a Miss Brasil. Jussara disse que recusara um convite para ser a “principal figurante” em um filme nacional e que, entre os prêmios que deveria receber pelo título, faltava apenas “um enxoval, no valor de cem mil cruzeiros”, além, é claro, da viagem ao Velho Mundo.

O tema da fracassada campanha eleitoral de Jussara não deixou de ser mencionado na entrevista. No entanto, para quem não acompanhou o caso, a reportagem mais confundia do que esclarecia. “O nome de Jussara Márquez, candidata a Vereador municipal em Goiânia, foi envolvido, recentemente, em rumoroso incidente”, anunciou a notícia, que prometia esclarecer o assunto a partir da entrevista. Mas Jussara restringiu-se a declarar o seguinte:

– A intriga e a inveja foram causa – como bem acentuou o íntegro Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de Goiás em honroso atestado de conduta político-partidária que passou em meu favor – dos boatos em que se viu envolvido o meu nome. Trata-se da maior calúnia que se possa assacar contra uma pessoa. Nada houve que pudesse macular a minha ligeira passagem pelo campo político-partidário. Na definição e interpretação de “política e políticos” (com honrosas e felizes exceções neste segundo grupo), exige-se muito cuidado. (JUSSARA

PREPARA-SE..., 1950, p. 3).

Depois disso, o repórter simplesmente registrou que a Miss Brasil “preferiu mudar o assunto”. Jussara disse ainda que não mantinha “nenhum caso sentimental” com ninguém e, quase no fim da entrevista, manifestou, em um “entusiasmo, visível e palpável”, seu apreço pela “brilhante escritora e jornalista uberabense”, Iná de Souza, deixando patente também o “alto apreço” que tinha pelo jornal “*O Triângulo*”. Por fim, levantou-se para cumprir seu animado programa social em Uberaba e despediu-se “com o característico aperto de mão, dos admiradores que não lhe haviam provado, ainda, o forte e singular *shake-hand*” da bela de Itumbiara.

A excitação disseminou-se pela imprensa da cidade. Nas palavras do jornal “*Lavoura e Comércio*”: “A presença da Srta. Jussara Marquez está animando extraordinariamente as nossas reuniões e despertando em todos os círculos sociais de nossa terra um vivo interesse pela visita da encantadora embaixatriz da graça e da beleza” (MISS BRASIL EM UBERABA, 1950b, p. 6).

Iná de Souza, elogiada publicamente por Jussara, se empenhou para supervalorizar aquela personagem que a louvara. Naquela mesma edição de “*O Triângulo*”, em uma crônica social intitulada “Mundanismo”, derramou-se em homenagens para descrever aquele evento que “marcou época na vida

social de nossa grande e famosa Metrópole”: o IV Congresso Médico do Triângulo Mineiro e II do Brasil Central, o evento escolhido para justificar a visita da Miss.

Constituiu um acontecimento de marcante relevo, o grandioso baile que teve lugar ontem, nos suntuosos salões do Jóquei Clube, oferecido à brilhante caravana de médicos ora em nossa cidade, e também à linda morena Jussara, a mais bela do Brasil. O “grand-monde” uberabense ali estava presente, transformando os salões do nosso principal clube num recinto de elegância, bom gosto e animação. Sob a penumbra deliciosa e ao som de melodias suaves, os pares rodopiavam no salão, oferecendo aos nossos olhos uma profusão de cores e de perfume [...] (SOUZA, 1950, p. 1).

Ao descrever pormenorizadamente os ilustres convidados em seus trajes, Iná de Souza registrou que Jussara Márquez, com sua graça e beleza, vestia uma “vaporosa toilette de organza verde, plissada com vistosos bordados em pérolas e fios de prata”. As senhoritas da sociedade, por sua vez, numa “ofuscante policromia de cores e faceirice, ofereciam um encanto sugestivo à festa, dando com sua presença uma nota de graça e de sedução”. O repórter de “*O Triângulo*”, mais uma vez, insistiu para que a Miss explicasse o que ocorrera com sua candidatura. Talvez orientada pelo pai, a moça preferiu prometer que, assim que chegasse a Goiânia, enviaria uma cópia do certificado emitido por Elias Napoleão da Silva, Juiz Eleitoral de Goiânia, que registrava a posição oficial da justiça sobre o caso.

Mas naquele momento, as homenagens pareciam não ter fim. Lica V. Costa, uma diletante poetiza da cidade, publicou nesta

mesma edição um soneto para registrar as boas-vindas da cidade à Miss Brasil:

Benvinda (sic) sejas tu, bela Jussara
Das lindas, a mais linda brasileira
Saúdo em ti Goiás – Itumbiara
Terra onde sentiste a luz primeira.
Engalanou-se a natureza, para
Saudar tua presença alvissareira
Flor, entre flores, na beleza rara
De um poema de graça feiticeira.
Aleluia se fez de sonhos e de amor...
A selva te envolveu de olor sutil
Num prelúdio de glória e de esplendor,
Ao advento de tua realeza...
Morena embaixatriz do meu Brasil
Protótipo da Raça e da Beleza. (COSTA, 1950, p. 1)

O “*Lavoura e Comércio*” ressaltou as “palavras elogiosas” pelas quais a Miss teria se referido aos clubes recreativos de Uberaba e, para o júbilo dos uberabenses, fez questão de registrar, já no título da matéria, que ela ficara “encantada” com a cidade (ENCANTADA..., 1950, p. 6). O jornal “*O Triângulo*” procurou capitalizar ao máximo o prestígio conferido pela Miss. Na edição do dia 14 de novembro, o diário publicou a foto de Jussara sentada, sorridente, trajando um vestido de bolinhas e deixando uma “amável saudação” no livro de visitas do diário. Cuidadosamente disposto na mesa, percebia-se nitidamente um exemplar do jornal uberabense com o cabeçalho à mostra. A fotografia era de autoria de Schroden Junior, o mais popular fotógrafo da cidade na época. E é claro, o título não poderia ser outro: “Miss Brasil” em visita a “*O Triângulo*”.

Segundo a reportagem, naquele sábado, as imediações da redação do jornal foram tomadas por populares.

A bela filha de Itumbiara recebeu, na oportunidade, uma das mais eloquentes demonstrações de simpatia da nossa gente, que durante todo o tempo da estadia de ‘Miss Brasil’ na redação deste diário, postou-se defronte à nossa sala de trabalhos, aguardando o ensejo de conhecer de perto ‘a mais bela do Brasil’. (MISS BRASIL EM VISITA..., 1950, p. 4).

Jussara permanecera cerca de meia hora em “cordialíssima palestra” com Souza Junior, visitando as instalações gráficas e deixando registradas naquele livro de visitas “as suas impressões, para nós sumamente devaneadoras” (MISS BRASIL EM VISITA..., 1950, p. 4).

Alguns dias depois do retorno de Jussara à Goiás, cumprindo a promessa feita ao jornalista na noite de gala do Congresso Médico, a Miss Brasil enviou à redação uma fotostática de um certificado emitido pelo juiz eleitoral goiano. Acreditando-se no que foi relatado, o caso teria sido mais uma luta de representações na política municipal goiana: no período das eleições, Jussara fora acusada de infringir uma série de dispositivos da lei eleitoral. Dizia-se que ela (ou os seus correligionários) mandara trocar cédulas em local proibido por lei e comandara uma operação para rasgar títulos eleitorais. Por isso, teria sido autuada pela Justiça eleitoral. Sabendo das acusações, Jussara pedira um certificado do juiz eleitoral presidente da junta apuradora de Goiânia, que prontamente redigiu um documento negando a suspeita.

Tais boatos também chegaram a nosso conhecimento, o que lastimamos. São frutos da inveja e maldade humana. E por serem inverídicos, certifique-se, como pede a requerente. [...] Certifico que, a senhorita Jussara de Sousa Márquez não praticou, no dia das eleições, 3 de outubro, qualquer ato que viesse a infringir qualquer dispositivo da lei eleitoral. (MISS BRASIL..., 1950, p. 4)

Mas o fato é que os boatos parecem ter arruinado as pretensões eleitorais da Miss, que, além de não ter sido eleita, jamais voltaria a se envolver na política.

O pai de Jussara, o Sr. Ormides, aproveitara a oportunidade para enviar um cartão de agradecimento ao diretor de “*O Triângulo*” pelo “carinhoso noticiário” que o diário uberabense dedicara à filha. Como a cereja final de um delicioso bolo de homenagens, o número seguinte da revista uberabense “*Graça & Beleza*” traria mais algumas lisonjas a Jussara, incluindo um poema inédito de Leo Lynce.

Mas em uma história repleta de tantos desencontros, o destino não poderia deixar de preparar um desfecho à altura dessa comédia. Em uma carta enviada ao jornal “*O Triângulo*”, J. Cruciano de Araújo, um leitor goiano da revista uberabense, mostrava sua indignação perante um erro de digitação que, inadvertidamente, havia cometido um verdadeiro “crime de lesa majestade” contra a bela de Itumbiara (ARAÚJO, 1951, p. 2). O caso foi que, no poema de Leo Lynce, citado no texto sobre Jussara, no verso que diz: “em cuja fronte de expressão venusta”, o qualificativo “venusta” (que significa muito

formosa ou graciosa) foi trocado, por alguma distração do digitador, para o termo “vetusta” – sinônimo de velha, antiga, danificada ou deteriorada pelo tempo. Assim, o leitor se indignava: “Imagine, sr. Redator, o absurdo de encontrar-se na fronte primaveril de Juçara qualquer sombra de vetustez!”. É interessante observar que, em mais um eco do combativo professor José de Sá Nunes, o teimoso leitor grafara Juçara, com cê cedilha, em vez de Jussara, com os dois esses. Mas enfim, para esclarecer a correta compreensão do poema, ele aconselhava firmemente a reprodução integral do texto, que de fato foi efetuada pelo jornal:

Flor morena dos Trópicos – JUÇARA.
Rosa de carne – estranha cinderela
Eleita, entre as eleitas, a mais bela
E, entre as belas, eleita a mais gentil.
Goiana excelsa de nobreza rara
Em cuja fronte de expressão venusta,
Uma coroa esplêndida se ajusta
- a coroa triunfal de “Miss Brasil”
(ARAÚJO, 1951, p. 2).

Conclusões

Apresentada como uma mulher discreta e exemplar, de acordo com as demandas masculinas expressas pela imprensa da época, e elevada à categoria de musa sagrada de “esplendor sem limites”, Jussara Márquez foi cortejada pelas elites sociais e por partidos políticos conservadores do interior do país, que se empenharam conscientemente para se vincular à imagem da Miss e realçar seu próprio prestígio com uma aura de pureza e beleza. Cada um ao seu modo, esses grupos parecem ter vislumbrado na visita da

inofensiva e irradiante Jussara uma oportunidade ideal, segura e infalível de atrair parte da estima popular que orbitava em torno dela para, assim, reafirmar sua própria consagração no imaginário de suas sociedades.

As elites do interior mineiro, constituídas pelos grupos de status que animavam as colunas sociais da imprensa, desejavam associar-se à imagem da Miss para confirmar suas marcas de distinção e supervalorizar o próprio prestígio na esfera local. Ao fabular e propagandear o privilégio de conviver na intimidade com uma celebridade tão esplendorosa como eles mesmos a descreviam, no anverso da mesma dinâmica, esses grupos se autovalorizavam e, conseqüentemente, atraíam para si não só as considerações de estima, mas a devoção que a cidade dedicava a ela. Em outras palavras, ao projetá-la às nuvens com uma retórica repleta de termos sagrados, essas elites também se autoarremessavam às alturas.

A carência por símbolos dessa magnitude em uma cidade provinciana explica a sofreguidão observada na longa espera, na expectativa e nas frustrações que a imprensa registrava por ocasião dos adiamentos da visita daquela que, nas palavras dos redatores, já se fizera digna da admiração da cidade. Longe de se configurar como apenas uma frivolidade paroquial, aquela ansiedade também denunciava uma intenção política no campo das relações sociais.

São nítidas as contradições dessas elites no ato de se autodefinir como

representantes da cidade na recepção de Jussara. Ao tempo em que a imprensa publicava manchetes como “Uberaba vai conhecer a ‘Miss Brasil’” e anunciava que Jussara “seria apresentada à sociedade uberabense”, quem realmente desfrutaria do convívio da Miss no “banquete” ou no “formidável baile no Joquei Clube” era um seletto grupo social que se autodenominava “nossa melhor sociedade”. Ora, desfrutar do privilégio de cultuar aquela celebridade, compartilhando com ela espaços seletos que se tornavam quase sagrados devido à força de sua mitologia, era uma maneira infalível de simbolizar a posição diferencial daquelas elites na estrutura social.

O governo de Goiás, por sua vez, tirou proveito da proeminência de Jussara para promover não apenas a cultura ou a sociedade goiana, mas, sobretudo, o governador do Estado. Possivelmente, o ponto alto desse empenho governamental foi a criação da cidade de Jussara, uma extraordinária homenagem à Miss Brasil, que revelava, por outro lado, uma notável jogada política do governador.

Contudo, apesar da celebridade no terreno ideal das colunas sociais, Jussara parece não ter conquistado a permissão para disputar um cargo político, pois o papel que esperavam dela era de uma cinderela de contos de fada, e não uma cidadã em um estado democrático. As hostilidades em torno de sua campanha ao prosaico cargo de vereadora foram intensas ao ponto de inviabilizar a sua

candidatura. Portanto, neste período analisado, Jussara não foi propriamente cultuada, mas instrumentalizada na política partidária e nas relações de poder das elites. Quando se desviou do papel que havia sido designado a ela, essas mesmas elites, em uma confissão involuntária dos conflitos latentes e das estruturas culturais em que essa narrativa foi costurada, trataram de reconduzi-la ao local que lhe cabia naquela sociedade tradicional. Afinal, como rogou o colunista: “E que o seu príncipe encantado seja um de nós, cá do sertão” (VALE, 1950, p. 1).

Referências

- ABRAMOS as portas de Goiás para os brasileiros e para o mundo. *O Triângulo*, Uberaba, 26 maio 1950, p. 1.
- ACEITAÇÃO d'O Triângulo em Goiânia. *O Triângulo*, Uberaba, 4 mar. 1950. Bilhetes de Goiânia, p. 1.
- ADIADA a recepção de Jussara em Uberaba. *O Triângulo*, Uberaba, 4 abr. 1950. Bilhetes de Goiânia, p. 1.
- ADIADA a viagem de Miss Brasil. *O Triângulo*, Uberaba, 20 abr. 1950, p. 1.
- AINDA uma vez adiada a passagem de Miss Brasil por Uberaba. *O Triângulo*, Uberaba, 22 abr. 1950, p. 1.
- A MISS Brasil não conseguiu se eleger. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 17 out. 1950, p. 1.
- ARAÚJO, J. Cruciano de. “Miss Brasil”. *O Triângulo*, Uberaba, 30 jan. 1951, p. 2.
- BACZKO, B. Imaginação social. In: RUGGIERO, Romano (Ed.). *Enciclopédia Einaudi: anthropos-homem*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985. v. 5, p. 303.
- BANQUETE à Jussara. *O Triângulo*, Uberaba, 16 fev. 1950. Bilhetes de Goiânia, p. 1.
- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX Jean-Pierre; SIRINELLI; Jean-François (dir.). *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 349-6.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, Bertrand Brasil, 1985.
- COSTA, Lica V. Miss Brasil. *O Triângulo*, Uberaba, 11 nov. 1950, p. 1.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- ENCANTADA com Uberaba “Miss Brasil”. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 13 nov. 1950, p. 6.
- ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- FONSECA, André Azevedo da. A imaginação do poder: o teatro da política na encenação da legitimidade. *Contracampo*. Rio de Janeiro, n. 16, 1. semestre 2007. p. 167-182.
- _____. *A construção do mito Mário Palmério: um estudo sobre a ascensão social e política do autor de Vila dos Confins*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- _____. A imagem nas mitologias políticas: heróis sagrados e vilões

demoníacos na disputa pelo seu coração In: VILELA, Bruno (Org). *Mundo, imagem, mundo: caderno de reflexões críticas sobre a fotografia*. Belo Horizonte: Malagueta Produções, 2018, p. 153-162.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre a história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOJE, passagem de Miss Brasil por Uberaba. *O Triângulo*, Uberaba, 24 abr. 1950, p. 1.

IBGE. *Anuário estatístico do Brasil: 1941/1945*. Rio de Janeiro, 1946. v. 6.

IBGE. *Censo demográfico: população*. 2010. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/FTN>>. Acesso em: 6 abr. 2016.

JUÇARA. *O Triângulo*, Uberaba, 14 jun. 1951, p. 4.

JUSSARA faz propaganda de Goiás. *O Triângulo*, Uberaba, 15 abr. 1950. Bilhetes de Goiânia, p. 1.

JUSSARA: homenagens em Goiânia. *O Triângulo*, Uberaba, 22 maio 1950. Bilhetes de Goiânia, p. 4.

JUSSARA Marquez passará amanhã por Uberaba. *O Triângulo*, Uberaba, 21 abr. 1950, p. 1.

JUSSARA prepara-se para sua viagem à Europa. *O Triângulo*, Uberaba, 11 nov. 1950, p. 3.

JUSSARA: uma cidade que surge. *O Triângulo*, Uberaba, 15 jun. 1951, p. 2.

JUSSARA vai candidatar-se. *O Triângulo*, Uberaba, 1 ago. 1950, p. 1.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

MERGEL, Thomas. Algumas considerações a favor de uma História Cultural da política.

História Unisinos. V. 7, n. 8. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p. 11-55.

MISS Brasil e a política partidária. *O Triângulo*, Uberaba, 23 nov. 1950, p. 4.

MISS Brasil em Ipameri. *O Triângulo*, Uberaba, 9 jun. 1950. Bilhetes de Goiânia, p. 4.

MISS Brasil em visita a “O Triângulo”. *O Triângulo*, Uberaba, 14 nov. 1950, p. 4.

MISS Brasil em Uberaba. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 25 abr. 1950a, p. 1.

MISS Brasil em Uberaba. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 10 nov. 1950b, p. 6.

MISS Brasil em Uberaba. *O Triângulo*, Uberaba, 19 abr. 1950c, p. 1.

MISS Brasil em Uberaba. *O Triângulo*, Uberaba, 2 maio 1950d, p. 1.

MISS Brasil foi apresentada à sociedade belo-horizontina. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 30 jan. 1950, p. 1.

MISS Brasil já se encontra em Uberaba. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 6 nov. 1950, p. 6.

MISS Brasil não chegará hoje a Uberaba. *O Triângulo*, Uberaba, 7 nov. 1950, p. 1.

MISS Brasil, senhorita Jussara Marquez virá a Uberaba. *O Triângulo*, Uberaba, 6 nov. 1950j, p. 1.

MISS Brasil: seu estado de saúde. *O Triângulo*, Uberaba, 27 abr. 1950a. Bilhetes de Goiânia, p. 1.

MISS Brasil: seu estado de saúde. *O Triângulo*, Uberaba, 12 maio 1950b. Bilhetes de Goiânia, p. 1.

MISS Brasil: sua ida a Uberaba. *O Triângulo*, Uberaba, 26 abr. 1950. Bilhetes de Goiânia, p. 1.

MISS Brasil: vereadora. *O Triângulo*, Uberaba, 27 set. 1950. Bilhetes de Goiânia, p. 5.

O PLEITO de 3 de outubro em Goiás. *O Triângulo*, Uberaba, 31 out. 1950, p. 2.

PASSOU por Uberaba a Srta. Jussara Marquez, Miss Brasil. *O Triângulo*, Uberaba, 25 abr. 1950, p. 1.

RECEPÇÃO a Miss Brasil. *O Triângulo*, Uberaba, 18 abr. 1950. Bilhetes de Goiânia, p. 1.

SOUZA, Iná de. Mundanismo. *O Triângulo*, Uberaba, 11 nov. 1950. Crônica Social, p. 1.
STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

UBERABA recebe a visita de “Miss Brasil”. *O Triângulo*, Uberaba, 10 nov. 1950, p. 1.

UBERABA vai conhecer “Miss Brasil”. *O Triângulo*, Uberaba, 9 fev. 1950, p. 1.

VALE, Geraldo de Araújo. Invocação a Jussara. *O Triângulo*, Uberaba, 14 fev. 1950, p. 1.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. 2. ed. Brasília: Ed. UnB, 1992.

VISITANDO Miss Brasil: detalhes de sua vida: suas aspirações. *O Triângulo*, Uberaba, 3 fev. 1950, p. 1.

WINOCK, Michel. As ideias políticas. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 271-294.